



**Por Cleane Barros – Comissão de Participação Institucional Feminina do TRE-DF (CPIF)**

Há alguns anos o dia 08 do mês de março é marcado mundialmente como o Dia Internacional de Luta pelos Direitos das Mulheres. Tradicionalmente, um colorido peculiar cobre vários pontos das principais cidades de países onde a data se consolidou como um marco histórico. Além de rememorar a luta contínua de mulheres através de séculos pelo reconhecimento de seus direitos civis, humanos e trabalhistas, dentre outros, a data traz um dos momentos políticos mais importantes e talvez mais radical e participativo dos movimentos feministas: a Marcha das Mulheres.

A luta das mulheres por direitos numa sociedade em que se veem como indispensáveis e força motriz da economia é muito mais antiga do que o primeiro ano em que se consolidou esta data como de luta e reivindicações. No entanto, é neste dia do calendário anual que as ruas se vestem de roxo/lilás - cor tradicionalmente associada ao movimento - de rosa, de verde, e das demais cores de movimentos sociais que a elas juntam suas vozes para clamar por igualdade e paz.

Inserido na história das nações, o movimento tem sua origem e mola propulsora no contexto de civilizações dominadas por homens, de civilizações que davam à mulher status de propriedade, de apenas reprodutora e, mais modernamente, de mão de obra barata.

As manifestações trazem visibilidade às pautas que são cotidianamente debatidas e pleiteadas pelas mulheres e mostram que no mundo todo, ainda que apresentem uma ou outra questão pontual, os anseios femininos são basicamente os mesmos e brotam das disputas políticas de nossos tempos. As marchas e passeatas mostram a todos que nem sempre a sociedade foi como é, revelam que mudanças e transformações já ocorreram e que muitas ainda devem vir, e que é urgente que sejam promovidas.

E, bem mais primordial, o movimento alerta que podemos perder os avanços conquistados, dependendo das políticas implantadas em nosso tempo. Esses avanços ocorreram graças à atuação dos movimentos, à criação de espaços de participação das mulheres e a acordos internacionais selados por governantes.

As Marchas também revelam outros movimentos sociais que apoiam a luta feminina, evidenciam o nível de receptividade da sociedade, mídia e instituições, estimula de certa forma a curiosidade, o debate, a reflexão e dissemina ideias.

Em tempos de políticas de isolamento e distanciamento social, não se sabe ao certo se acontecerão grandes passeatas neste ano de 2021, mas sabemos que mais uma vez elas se tornam indispensáveis, pois a pandemia descortinou para o mundo grandes desigualdades de gênero, especialmente para as mulheres mais vulneráveis social e economicamente. No cenário brasileiro, vimos, no contexto da pandemia, conquistas jurídicas e sociais serem demandadas a todo momento como a Lei Maria da Penha, Lei do Femicídio, as Delegacias de Atendimento à Mulher, a assistência social e de saúde para mulheres vítimas de violência.

Algumas das atuais bandeiras levantadas pela Marcha das Mulheres nos últimos anos (qualidade de vida para todas as mulheres, denúncia da violência sexual do machismo sistêmico, o problema da impunidade nos casos de feminicídio, participação nas decisões políticas, igualdade de oportunidades na educação e mercado de trabalho, denúncia de políticas de racismo e falta de assistência social à populações vulneráveis como indígenas, agricultoras rurais e quilombolas, respeito às mulheres transexuais, educação pública de qualidade e investimento na educação) revelam um sistema de domínio que tende a excluí-las e impedir que um novo projeto de sociedade seja possível, partindo da igualdade de direitos e oportunidades.

As pautas dos movimentos feministas revelam que as mulheres têm sido submetidas à repressão, e que as associações de mulheres não são apenas indiscutíveis, mas justificadas e necessárias, pois não há paz e bem-estar possível em um sistema de desigualdade e exploração do trabalho feminino.

Atualmente, as mulheres têm procurado também caminhos para uma maior inserção e participação política, a fim de ocupar papéis de liderança na construção de uma sociedade igualitária.

As mudanças proporcionadas pelo avanço tecnológico que redesenhou um cenário de novas profissões, que não utilizam força física e pesada, também vêm demonstrando que as mulheres podem ocupar postos técnicos e de direção, pois têm capacidade para tal.

Para isso e para uma maior participação política é preciso antes abrir oportunidades de autodesenvolvimento e formação que alcance a sociedade como um todo, pois não são somente a educação e oportunidades individuais que combaterão todas as formas de discriminação, uma vez que esta está enraizada na estrutura da sociedade. O esforço individual é louvável mas não é suficiente para derrubar as estruturas de uma sociedade desigual.

As lutas dos movimentos feministas são indispensáveis em uma sociedade que reparte de maneira desigual as oportunidades entre homens e mulheres.

As marchas e seus discursos são importantes, porque demonstram que são imprescindíveis também a organização social, a formação política e até mesmo uma certa espiritualidade traduzida como consciência de unidade, de justiça social, que serão, com certeza, conquistadas ainda com muita luta, mas luta permeada de qualidades femininas como a sensibilidade, a não-violência, a ternura, o cuidado com o outro, a receptividade das diferenças, dentre outras tantas. Que tenham neste ano peculiar as cores da paz.